

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1116	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Dezembro de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



PRESEPIO — PERTENCENTE AO SR. DR. PULIDO GARCIA

Esculturas de Machado de Castro e Joaquim José de Barros

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais uma badalada, e estará passado o anno de 1909.

O que foi, afinal, para a humanidade e para o mundo, mais este anno que passou? Descobriu-se o pólo? Dominou se o reino dos ares? Comunicou-se com o planeta Marte? Encontrou-se ao menos o remedio para a artero-sclerose?

Vae-se 1909, vem 1910, e a humanidade, proseguindo no afanoso empenho de penetrar nos segredos da natureza, quanto mais profunda essa mina insondavel tanto mais reconhece, no dizer do pensador, que está longe de exgotar o filão inexaurível. Frequentes vezes se engana na galeria que principiou a abrir; frequentes vezes tem de mudar o tracto e de modificar o plano. O reconhecimento de uma verdade não passa ordinariamente da destruição de um erro, o que já não é nada mau. Os destroços das theorias mais em voga e mais acreditadas vão-se acumulando a cada instante.

Sem duvida que a civilização atravessa uma fase notavelmente activa. Mas o que se dá com a sciencia dá-se com a moral: pouco ou nada se adeanta.

Procura-se uma vida nova em que haja mais liberdade, mais justiça, mais ventura, mais força e mais luz. Tudo parece viver e agitar-se freneticamente na aspiração d'esta vida nova maravilhosa, de clara elevação e redempção, consoante a crêem ou proclamam os seus mais irrequietos servidores. Quer-se a perfeição absoluta em tudo.

O industrialismo, por exemplo, é a feição característica das sociedades de hoje, e não se pôde negar que ás industrias devemos a prosperidade e esplendor d'esta civilização de que todos, mais ou menos, aproveitamos. Todavia, sabe-se como a fabrica em ponto grande modificou o modo de ser das classes trabalhadoras: beneficiou as por um lado, por outro causou-lhe gravissimos prejuizos. Os operarios abandonam as pequenas povoações rurais, precipitam-se nos grandes centros fabrís.

Os descobrimentos nas sciencias e nas artes succedem-se com tanta rapidez, que quasi se torna impossivel andar a gente em dia com o conhecimento d'elles. Entretanto, ouve-se sempre, ao mesmo tempo que se entoam os himnos triunfaes ao progresso, o côro de protesto d'aquelles que lançam em rosto ao progresso as mais acerbas palavras de maldição.

A revolução scientifica que por toda a parte do mundo se opera reflecte-se na revolução sociologica. A concepção do mundo fisico, tão diversamente considerada hoje, influe fatalmente sobre a concepção do mundo moral. As applicações da electricidade, as experiencias do radium, e tantos outros trabalhos dos fisicos e dos chimicos, fazem que a materia nos appareça sob aspectos inteiramente novos. As oscillações do mundo fisico transmittem-se ao mundo moral. Mas até onde se approximam da verdade definitiva umas e outras?

Caracterisa esta vida febril que por toda a parte verificamos uma desmedida ancia de chegar velozmente a um fim, de attingir as maiores honras, a riqueza, o poderio, a gloria. A furia das accumulações de toda a especie móve á atividade frenética. Uma irrequieta procura de evidencia restringe a minorias insignificantes o numero dos simples e dos modestos, que se contentam em ficar na sua mediania e obscuridade, ao passo que é infinita a multidão d'aquelles que só desejam aparentar aquillo que não são.

No meio de toda esta complicada agitação moderna, por quantos receios e preocupações ha de ver-se absorvido o espirito d'aquelles que, medindo bem o perigo dos modernos tempos, sentem bater a derradeira badalada da meia noite do ultimo de Dezembro, e pensam que de um anno mais se aproxima o momento em que lhes vae ser preciso fazer um homem do filho que a mãe por emquanto ainda embala no seu berço pequenino!

Que trabalho difficil, lento e paciente, esse de seguir hora a hora a evolução da pequenina alma que se vae formando, deslindando os germens do que é necessario desenvolver, as tendencias que é necessario destruir, e ir mostrando pouco a pouco ao infantil espirito, apenas aberto á luz, o que é justo e o que é bom, o que ha de ser eternamente justo e bom na vida!

Trabalho difficil, que o foi sempre, mas bem mais ainda neste nosso tempo, tão perturbado e tão perturbador; neste nosso tempo em que, na successão vertiginosa dos acontecimentos, na instabilidade desnorteada das idéas, o fio da tradição se quebrou, as vontades parecem fluctuar ao

acaso, e a consciencia individual, como a consciencia colectiva, hesitam buscando um rumo. Tempos singulares em que, sobre as ruinas do orgulhoso racionalismo, surge de novo a aspiração ao ideal, mais necessario á alma humana que uma sêde de agua a um caminhante cansado; tempos singulares em que, sob a superficie brilhante da civilização, illuminada hoje a electricidade e amanhã sabe Deus a quê, sulcada de expressos e de aeroplanos, elegantemente requintada, rutilante de pedrarias fabricadas no laboratorio do Doutor Fausto, sob essa brilhante superficie fermentam e rugem as miserias e as coleras accumuladas; e em que as egoistas resistencias dos que gosam, como as violentas reclamações dos que querem gosar, ameaçam a cada momento as duas grandes bases de toda a sociedade — a justiça e a ordem...

Anno novo! anno novo! Mas o que é, afinal, um novo anno a mais, na rotina eterna dos seculos e dos tempos?

JOÃO PRUDENCIO.



Nascimento de Jesus

Os Presepios

Os Profetas haviam predito o nascimento de um Messias e que esse extraordinario acontecimento teria seu logar na cidade de Bethlem.

O povo de Israel estava suspenso sob esta profecia, quando o imperador Augusto mandou alistar todas as familias dos seus dominios, e assim veio a Bethlem a familia de José e Maria, a Virgem Anunciada para conceber e dar á luz o Salvador do Mundo.

Após a custosa jornada, chegaram os esposos á cidade, onde já não encontraram estalagens ou poitada confortavel a que se acolhessem; só se lhe deparou um velho estabulo desmantelado, e ali mesmo se cumpriu a Profecia do Nascimento de Jesus, realisado sobre uma misera manjedoura, onde um boi e um jumento ruminavam umas secas palhas.

Neste desconforto da terra veio Jesus ao mundo, enquanto do ceu desciam legiões de Anjos a annunciar o seu Nascimento aos homens, e os mais humildes e pobres corriam aonde os anjos os guiavam, a presenciar o extraordinario acontecimento do Rei da Terra e dos Ceus, nascer em tão grande humildade.

E uma estrela apparecia nas infinitas alturas dando sinal do Nascimento do Messias a todas as gentes, que a todos Elle vinha a salvar, desde o povo de Deus até aquelles que viviam na idolatria; e assim tiveram noticia os reis do Oriente, os Magos, que logo partiram de suas terras a caminho da Judea, guiados pela estréla até onde estava Jesus.

A prestar adoração ao que nascia em tanta humildade vinham potentados da terra, e já lhe traziam seus tributos em ricas oferendas de ouro e de essencias, como ao Rei dos Ceus, mais poderoso que todos os reis da terra.

O miseravel presepio se tornou como se fôra camara real onde os reis e sua côrte vieram saudar a Jesus recém-nascido.

Daquella hora em deante o presepio de Bethlem ficaria sagrado para a historia do cristianismo, como a cruz ficou sendo o simbolo da Redenção.

* * *

Os presepios são a expressão mais poetica e ao mesmo tempo mais popular com que os povos saudam e comemoram o Nascimento de Jesus.

Tanto se tem dedicado a arte a estes quadros, representando em vulto e em apreciaveis esculpturas esses bandos que descem dos montes a vir prestar adoração ao recém-nascido Messias prometido, como a simplicidade ingenua dos povos formando e enchendo os seus presepios com grotescas figuras de gente, de animaes e de objectos de toda a especie, para que nada falte ao Menino Jesus, que aliaz nascia na maxima humildade e pobreza das coisas terrenas.

Deste modo todos os presepios são um mixto de coisas de todos os tempos, como um cosmopolitismo de todos os povos. Bem observados, fornecem documentos iconographicos como de indumentaria de grande valor, porque as gerações ali reproduzem seus monumentos e usos, quando não legam retratos autenticos de personagens histo-

ricas do seu tempo, nas figuras que se vêem nalguns presepios.

E' tradição que Francisco de Assis, o devoto servo de Jesus Cristo, que seguiu as regras do Divino Mestre até ao voluntario sacrificio de uma alma encendida no amor do proximo, foi quem armou o primeiro presepio, e que tão bem aceite pelo povo, desde então se originaram esses quadros representativos do Nascimento de Jesus.

Espalharam-se por todo o mundo cristão e não é facil precisar quando chegaram a Portugal.

Sob o dominio da arte, parece que só no seculo xviii é que barristas portugueses se entregaram a esse genero legando obras de valor, que ainda felizmente se conservam em grande quantidade pelo país, e que o OCCIDENTE algumas reproduções tem dado em suas paginas.

O que hoje reproduzimos é dos mais perfeitos, tanto na composição do quadro como na modelação das figuras, attribuido a Machado de Castro, o celebre autor da Estatua Equestre, e a Joaquim José de Barros outro barrista eximio da epoca.

Pertence este presepio ao sr. dr. Pulido Garcia, que o tem na sua casa á rua de S. Mamede, e, como dissimos, é obra primorosa de subido valor artistico. E' ainda mais do que isso, pois, pelo que lêmos em uma curiosa nota de um artigo do sr. João Barreira, vêem se neste presepio, no primeiro plano e ao lado esquerdo do espétador, um grupo de figuras que retrata os marquês de Bellas. Vem a marquês de rara formosura, envolta a cabeça em uma touca e trazendo ao colo uma creancinha; ao lado o velho marquês, de longas barbas, veste ricamente á oriental, e pela mão traz um rapazinho, no mesmo traje. Precedendo os tres, segue um pastor em traje de asirio, portador de presentes para o Salvador do Mundo.

Este grupo precede a multidão que desce as montanhas e de lá vem os Reis Magos com seu numeroso cortejo, lusentes de oiros e de pedrarias a oferecer ao Messias prometido, tudo respirando alegria e festa em que exulta a Terra e o Ceu, donde descem anjos em celestial concerto.

Sob a montanha, coroada pelas muralhas de Jerusalem, vê se no velho estabulo de derruida arquitetura corintia, o Menino Jesus entre a Virgem e S. José, o santo grupo sobre que paira o Anjo, e em volta os animaes que acompanharam o Nascimento do Divino Infante.

E' uma historia singela que envolve um grande misterio, o misterio da Redenção, que ali tinha seu principio, e que o mundo havia de comemorar atravez das gerações.



MATER!

A Guerra Junqueiro

Fecunda e boa Mãe és tu, oh! Natureza!
Que trazes desde o berço ás largas tétas presa
A tua criação!

Maternalmente aberto o teu regaço brando
Acaricia a dôr e exulta tambem quando
Nos vê um riso são.

A pomba e o chacal, o lyrio e a palmeira,
A venenosa serpe e a gata borralheira...
São meus irmãos na vida;

Em nossas veias corre a mesma seiva benta
Que sugamos á terra e aquece e alimenta
E enflora repartida.

As lagrimas de dôr amargam por igual;
E quando um homem ri, um melro ou um pardal,
O riso é hymno quente.

O sol divino e forte é pae que anima tudo
Desde o olhar do sapo á rosa de veludo,
Ao coração da gente.

Tenho uma irmã, uma cerejeira brava
De forte ramaria. Os fructos como lava
Ardente, de vermelhos,

São os cristaes de sangue, as lagrimas de dôr,
Entre a folhagem verde de esperança e de amor,
De novos e de velhos.

Ah! Mas na primavera o quadro é deslumbrante!
Riem milhões de flores n'um febril descante
Dos melros e do sol.

Hymno á fecundidade, amor n'uma canção,
Sentindo nas entranhas doce convulsão,
Fulgores de arrebol.

Tambem, minha irmã, a tua vida é cheia
De dôres e sorrisos! — Tragica cadeia
Bem curta, mas pesada!
Tu sentes, como eu sinto, o fel do dualismo,
Mas não blasfemas nunca! Escolhes o mutismo
E vives resignada.

A Dôr é atributo universal e grave.
Só a Illusão-Deus a torna mais suave,
Mas não póde extinguir.
A Dôr é que gerou o Deus que adoramos
Como ultima Esperança e Fé que nós buscamos
Jamais ver derruir.

E' esta mesma Dôr — liame forte e doce —
Que faz irmãos os seres, tal como se fôsse
Iman dos corações.
Rio, se vejo rir um passaro, uma flôr,
E choro quando vejo um meu irmão na dôr,
Em vivas contorções.

A Natureza-mãe, que sente o que sentimos,
Abre-nos o regaço, e nós então dormimos...
— O mal era viver.
Bem haja tal regaço, que acalma a nossa dôr
E exulta de alegria e maternal amor
Se nos não vê soffrer!

Bendito e meigo e doce e santo e amavel!
Que me dará a Paz, eterna e inefavel
De um sonho innocente,
D'onde eu quero tornar em petala de rosa
Que abrigue um ninho em festa alegre e ruidosa,
Orando ao sol nascente!

O' Natureza, quando a préga do teu manto
Cafda sobre mim, já morto (mas sem pranto)
Me fôr mortalha e leito,
Eu quero que me nasça uma cerejeira,
Que viva do meu sangue e tenha altaneira,
Raizes no meu peito.

Eu desejava ter a grata illusão
De haver tornado á vida em resurreição
Festiva, triumphal:
Ouvir palmeiros ninhos, côros de mil flôres,
—Pedaços da minh'alma, n'um hymno d'amores!—
Hossana perennal!

Batendo as verdes azas no infinito espaço
Em busca de mais luz, á cata d'um abraço
Do sol fecundador,
Havia de morrer contente e satisfeito.
Morrer, desentranhando em flôres o meu peito,
Era morrer d'amor!

(Do livro inedito *Auroras*.)

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

A LENDA DA PADEIRA (1)

O caldeirão de Alcobaça

Inda he do vulgar povo engrandecida,
A forneira valente e celebrada,
Que com a pá tirou a sete a vida,
Que a deviam trazer mui mal guardada;
... Celebre-se a mulher, louve-se a terra...

F. RODRIGUES LOB. — O CONDESTABRE.
Canto XIV.

Comprehende se hoje que as *lendas historicas*, mais ou menos exageradas, mais ou menos fantasticas, representam uma verdade, uma realidade, porque nos dão a impressão da idéa dominante no povo d'outros tempos. Por isso, os historiadores modernos conservam com cuidado estas lendas, estas tradições, não para as acreditarmos como factos, mas para avaliarmos como sentiam e pensavam os povos de outras éras; são estas bonitas e curiosas lendas que dão vida, poesia, interesse e explicação á Historia positiva e verdadeira.

Tal o motivo porque, nestas leituras para a juventude, procurámos reunil-as como complemento pittoresco das paginas em que se apontam os factos capitaes da nossa historia patria.

Vejamos agora a curiosa lenda da *padeira* ou *forneira* de Aljubarrota, Brites de Almeida.

Nasceu em Faro, de paes humildes e pobres, em uma taberna onde elles ganhavam o sustento.

Bulhenta desde pequena, foi, segundo a lenda, uma mocetona de agigantada estatura, rija, ossuda, feia, tristonha, queimada das faces, crespa dos cabellos, nariz adunco, e bocca muito rasgada. Mas isto não é tudo: em cada mão, que nas mulheres costuma ser pequena e graciosa, tinha Brites de Almeida seis dedos. Ficaram os paes contentissimos com este phenomeno, que lhes parecia prophetisar que ella lhes prestaria grandes serviços no trabalho arduo da vida.

Enganaram-se porém; e talvez o desgosto de terem nella uma valentona capaz de deitar a casa a baixo, lhes causou mais cedo a morte.

Orphã aos 26 annos, em vez de ficar chorosa á beira da sepultura dos paes, Brites de Almeida tratou logo de vender uma casita que tinha em Loulé, e começou a adextrar-se no jogo das armas, creando reputação de valentona.

Atrahido por esta fama um soldado alemtejano teve desejos de casar com a mulher forte do Algarve. Poz-se a caminho, a pedil-a em casamento, mas Brites respondeu lhe que primeiro brigariam ambos.

Ajustou-se o dia e a hora do combate. Luctáram devéras, e o pobre soldado cafu morto no chão.

Brites fugiu a caminho de Faro.

Chegada alli pela manhã, achou na praia um batel com véla e leme, e embarcou-se nelle, com idéa de se passar a Hespanha. Aprisionada pelos piratas, foi vendida em Argel a um moiro rico que tinha dois escravos portuguezes, com os quaes Brites de Almeida logo contratou darem cabo do amo, e fugirem para Portugal.

Se bem o planejaram melhor o executaram. Embarcaram logo, mas o mar parecia apostado a desafiá a bravura da algarvia.

Abicou o barco nos areaes da Ericeira; foi para Torres Vedras exercer a profissão de almocreve e por fim foi ter a Aljubarrota, onde fixou residencia, e se ajustou por creada de uma forneira.

Foi então que succedeu o episodio lendario, que segundo Herculano, nos mostra qual era o sentimento vivo de odio e rancor aos estrangeiros invasores e dominadores, sentimento nacional tão profundo, que fez com que este povo resistisse durante seculos á absorção castelhana. «Um povo, diz Herculano, que deve a uma mulher odio bastante contra os oppressores estranhos, para haver de assassinar a sangue frio sete desses inimigos; um povo que assim symbolisava o seu modo de sentir a tal respeito, devia saber sustentar a independencia nacional».

No dia da batalha de Aljubarrota, naquella desordenada fuga dos castelhanos, sete soldados, perseguidos pelos portuguezes, viram ante si uma porta aberta: entraram; encontrando a casa deserta fecharam-se á chave, para vêr se escapavam á furia popular.

Sentindo bater á porta, esconderam-se no forno, muito agachados. Forçada a porta pela mão herculea de Brites, esta entrou furiosa, por ver invadida a sua residencia. Feriu lume, correu a casa toda, procurou e tornou a procurar, até que descobriu os castelhanos no forno, intimando-lhes que se rendessem.

Elles receiosos da população e certos da morte que os esperava, fingiam-se adormecidos; mas Brites pegando na pá começou a chuçar para dentro do forno, até os matar.

Accrescenta ainda a lenda que sabendo andarem pela povoação muitos outros soldados castelhanos, safu, e capitaneando algumas mulheres que a seguiram, investiu com elles á valentona.

Casou Brites *Pisqueira*, como por alcunha a chamavam, com um lavrador do sitio, com o qual viveu em boa paz, deixando uma filha, que se tornou heroína notavel de outra lenda nacional, sob o nome da *Velha de Dio*.

O povo celebrou-a na lenda e nas canções das ruas, que se gravavam depois durante a guerra da independencia.

Em 1642 o chronista fr. Francisco Brandão, de Alcobaça, inquiriu o que havia de verdade nesta tradição popular, e achou a pá de ferro, com um cabo mais moderno de pau, religiosamente guardada na casa da camara, de onde sahia todos os annos em precissão no dia 14 de agosto.

Escondida, durante o dominio hespanhol, num vão dentro de uma parede, conserva-se ainda hoje, e uma familia do logar mostra-a mediante gorgeta, ao visitante curioso.

No mesmo logar, sobre a porta da casa, que se diz estar no sitio onde existiu a derruida casa e forno da *Padeira*, vê-se esculpida na parede a fórma de uma pá, e logo abaixo a inscripção latina numa lápide, commemorando o lendario feito.

Era sorte dos hespanhoes encontrar deante de si heroínas. E' analoga esta historia da *Padeira* á da celebre Hasselaer, de Haarlem, hollandeza notavel, que no cerco daquella cidade, em 1572, á frente de um esquadrao de 300 amazonas, valentemente affrontou o inimigo da patria. No museu da cidade de Haarlem conservam os hollandezes religiosamente o estandarte historico da sua heroína.

Outras lendas correm na povoação de Aljubarrota, ligadas á tradição da batalha. Diz-se que alguns homens da terra ajuntaram as ossadas dos que nella morreram, e fizeram d'ellas uma calçadilha, que ia da casa da forneira até ao forno; e quando os castelhanos por alli passavam, e diziam alguma coisa que offendesse ou tocasse os portuguezes, l'ha iam mostrar. Ha escriptores que affirmam ter existido e persistido até seculos depois esta *calçada dos ossos*.

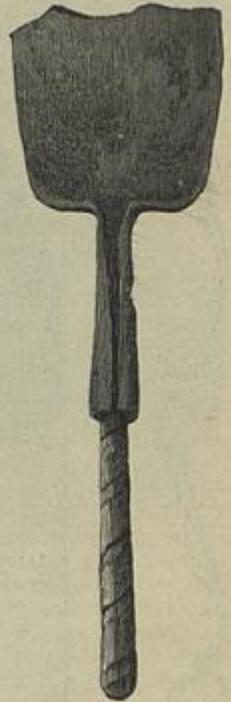
Quando o exercito de D. João I retirou do campo para Alcobaça, carregado dos despojos da victoria, de que nenhuma parte guardaram para si nem o rei, nem o condestavel, este pediu apenas um grande caldeirão, apprehendido aos castelhanos, e que elle levou aos frades de Alcobaça, por saber que precisavam de vasos amplos para as suas refeições.

Admira se este grande caldeirão de cobre a um dos cantos da *Sala dos Reis* no mosteiro de Alcobaça.

Quando Filipe III de Castella e II de Portugal, esteve ali, de visita, ao grandioso convento, e entre outras cousas lhe mostraram o famoso caldeirão, um dos corteziões que o acompanhavam, aconselhou o rei a que o mandasse fundir e fazer d'elle um sino ou uma peça de artilharia, para assim se extinguir aquella memoria da vergonhosa derrota dos castelhanos.

Filipe olhou-o com desprezo e disse-lhe:

— Deixal-o estar, porque se o caldeirão assim mesmo brada tão alto, se o convertessemos em sino ou em canhão mais alto bradaria. Deixal-o estar porque é um tropheu que mostra como um verme poud subjuar um leão.



Desenho da pá, feito num album do falecido pintor João Christino da Silva, que a copiou do natural.

Creanças portuguezas

Quem não ficará agradavelmente impressionado ante esses dois lindos grupos de creanças que fazem assunto de duas paginas deste numero dedicado ao Natal, a grande festa da cristandade e das creanças, comemorativa do Nascimento da Divina Creança, Aquella que vinha encher o mundo de luz e de amor.

A festa é, pois, das creanças, e serão ellas que hoje vêm alegrar estas paginas, com toda a sua vivacidade e todos os seus encantos e innocencia, dando-nos a satisfação de reunir nesses graciosos grupos um punhado de creanças que nos enchem de orgulho, afirmando bem alto quanto está longe da decadencia uma raça que apresenta exemplares tão perfeitos.

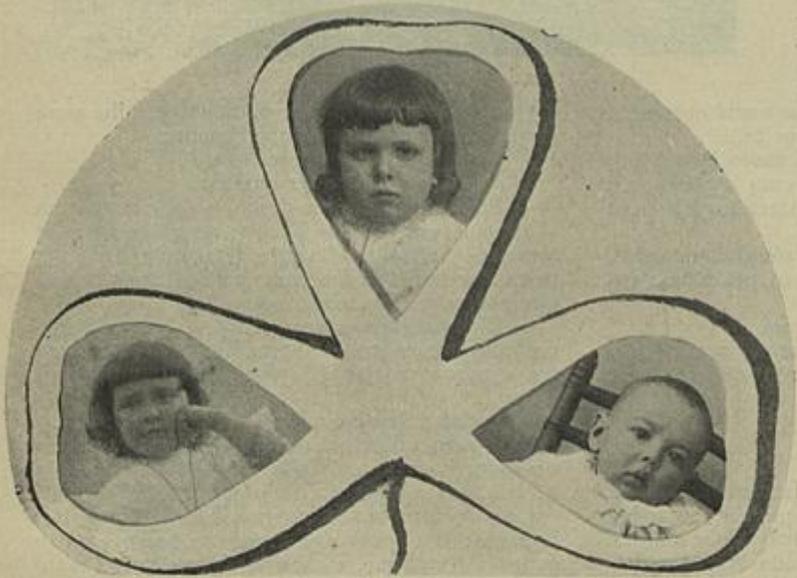
Ainda não ha muito se proclamava em Inglaterra a superioridade da raça saxonia, com toda a pujança e vigor, dando-se como moribunda a raça latina, velha e gasta. Evidentemente era o proprio orgulho que assim fazia pensar um saxonio em detrimento de outros povos.

Os portuguezes têm uma superioridade incontestavel provada através dos seculos, reunindo em si as grandes qualidades de belêsa, resistencia e intelligencia dos lusitanos, distinguindo-se por estas qualidades, de outros povos, quer na valentia fisica e ao mesmo tempo soffredora com que resistem ás maiores inclemencias e trabalhos sem

(1) Extraído do vol. III da *Biblioteca da Infancia* — NARRATIVAS E LENDAS DA HISTORIA PATRIA — *Coleção illustrada de leituras educativas*, sob a direcção de Victor Ribeiro, da Academia Real das Ciências. Publicada por Alfredo David.



Creanças portuguesas



perda de animo, quer no valor intelectual, na facil compreensão, na imaginação viva e nas extraordinarias aptidões para todos os trabalhos das ciencias, das artes e das industrias, em todos os tempos provadas, pois bem raros são os progressos da humanidade em que os portugueses não tenham tido a primazia, ou muito de perto não os tenham secundado.

Alegrêmo-nos, pois, que não está perdida a grande raça portuguesa, tão viril, tão béla, tão inteligente, que encontra sempre forças para resistir, como a Phenix que renasce das proprias cinzas, e a afirmal o ahí temos esse punhado de creanças, e quantas mais, a sorrir com a sua béla e graça numa grande promessa e aspiração a um provir ditoso.



Recordações d'um Natal

Não vem Natal nenhum cá a este mundo, que eu me não lembre de uma partida que me aconteceu em certa noite de Natal.

Tinha eu então os meus dezoito annos se me não engano.

E' a idade em que o mundo nos parece um paraizo, sem se pensar n'outra coisa que não seja gosar, rir e... amar...

Ora imaginem, que poucos dias antes do Natal, tinha estreado umas botas de pellica muito finas, muito bem feitas, que me faziam o pé bem contornado, mas sem me magoar nada, uma verdadeira belleza... de botas!

Chega a vespera do Natal, e chove torrencialmente, espantosamente, niagaramente!

As ruas eram uns perfeitos lagos, e os lagos... continuavam a ser lagos, já se sabe.

Os trens não podiam circular, e como não estava ainda em moda andarem botes pelo meio da rua a recolher os transeuntes, algum d'estes que apparecia, não tinha remedio senão ir a pé para casa, sem olhar a rheumatismos nem achaques de maior.

Já farto de esperar abertas, isto é, que abrandasse a chuva, resolvi me a fazer o mesmo que os outros, e metti-me a ella com toda a coragem, pois approximava-se a hora de jantar e minha mãe esperava por mim.

Escusado será dizer, que cheguei a casa como... Um pinto?... é pouco; dois pintos, e dois pintos bem medidos...

As minhas queridas botas pareciam feitas de qualquer materia esponjosa!

Sitio onde assentasse o pé, ficava logo uma poça d'agua.

— Ai, rapaz, como tu vens!... Porque não te recolheste? — exclamou minha mãe pondo as mãos na cabeça, ao vêr-me entrar n'um estado de gato... pingado.

— Recolher, recolhi, mas como não podia estar toda a vida no recolhimento, tratei de me pôr ao fresco e... aqui estou, mais fresco que uma alface.

— Bem, bem, trata já de despir essa fatiota e tomar um calice de genebra para te aqueceres. O melhor até, será metteres-te na cama e eu dar-te uma coisa quente para...

— Na cama!... — gritei eu aterrorizado. — Metter-me na cama ás quatro horas da tarde!... Lá a genebra, vá que não vá, mas na cama não me torne a falar, senão quer que eu tenha alguma congestão.

Minha mãe sorriu e depois de encolher os hombros, aconselhou:

— Vê lá o que fazes, olha que podes apanhar alguma constipação.

Dei-lhe um beijo e fui mudar de fato. D'ali a nada estávamos á meza e eu já me não lembrava da carga d'agua que apanhára.

A chuva começou a abrandar pouco a pouco, até que parou de todo, e eu, já refeito e preparado para outro banho, sahi novamente de casa e fui ter com uma rapariga que andava catrapiscando, e com quem tinha combinado ir á missa do gallo.

Antes de sahir, porém, pedi a minha mãe que visse se me enxugava as botas de qualquer maneira, pois no dia seguinte desejava ir a um baile, onde a pequena tambem ia.

— Sim, deixa estar que eu digo á Maria para as pôr sobre o fogão, quando lhe tirar o lume, e basta o calor para as seccar.

A Maria era uma velhota meio tarouca, que fazia de creada e ajudava minha mãe na lida da casa.

Fui pois muito contente falar á pequena, e á hora competente lá nos dirigimos a ouvir a missa do gallo, missa a que não prestei attenção nenhuma, pois o meu padre era outro.

Já bastante tarde recolhi a casa, e assim que me deitei, foi pedra em poço.

Pela manhã, mal acordei, o meu primeiro cuidado foi pedir as botas.

Minha mãe foi á cosinha, procurou as botas e não as encontrando em cima do fogão, onde ella propria as tinha posto, esperou que a Maria viesse de fóra, e perguntou-lhe onde as tinha posto.

— Ah! não tinha receio, — disse ella, sorrindo, — devem estar enxutas agora, mas estavam tão encharcadas que em cima do fogão não seccavam. Metti-as no fóro que sempre tem um calor mais certo.

— Que fez você, mulher!... — exclamou minha mãe, correndo atraz da velha para a cosinha e eu seguindo as duas.

A Maria abriu o fóro do fogão, e tirou para fóra...

O quê?!...

Pois aquillo eram as minhas botas?!...

As minhas queridas botas que me tinham custado cinco mil e tanto?!...

Não, não, era impossivel!...

Tão resequidas, tão encaracoladas, tão carbonisadas, vendo-se-lhe apenas as presilhas...

Ah!... Nunca tive tanta vontade de estrangular uma mulher como foi n'aquella occasião.

E agora?!...

Como havia eu de ir ao baile á noite?

O que diria a pequena se me não visse?

Diabo da velha!...

Tive então uma idéa que me pareceu sublime.

Além d'aquellas, tinha outras botas um pouco usadas, é verdade, mas que ainda estavam boas. O peor era serem amarellas.

— Ora!... Isso que tem? Engraxam-se e ficam lindas!

Dito e feito.

Começo a engraxar as botas, mas por mais graxa que lhe desse, não se faziam pretas nem pelo diabo.

No fim de muito tempo, dei o trabalho por prompto e sahi sem sequer olhar para os pés.

Já a meio do caminho, começa a chover novamente.

A pequena acompanhava-me e tão entretidos iam os conversos, que nem davamos pela chuva. Chegámos ao baile, e d'ali a pouco giravamos como uns piões, n'uma valsa encantadora, sem nos lembrarmos de coisa alguma d'este mundo.

Finda a valsa, acompanhei a minha amada ao seu logar, e, postado em frente d'ella, conversava com alguns amigos, quando ouvi uma chasquinada de riso e a pequena dizer-me:

— Que botas tão exquisitesas que o senhor tem!... (Ainda não nos tratavamos por tu.)

Olho para os pés, e que vejo, santo Deus?!...

As botas tinham distingido com a chuva, e a graxa escorria pelo sobrado fazendo zig-zags de tinta preta.

Cada uma estava de sua côr, todas manchadas, aos laivos, parecia que trazia os pés n'uma cadernação de carneira!...

Calculem a cara com que fiquei.

A pequena, uma grande trocista, ria-se com as outras amigas, que me perguntavam em ar de escarneo:

— São da ultima moda?

— Onde as comprou?

— Mas que lindas!...

E outras perguntas que me fizeram encanzinar.

Delicadamente, pedi licença para ir fumar um cigarro, e sahi, sahi fumando diabos por ali fóra, mandando para o inferno a criada Maria, causadora d'aquelle fiasco; o baile, e a pequena, a quem deixei assobiando-me ás botas.

RICARDO DE SOUZA.



Escrevino de Joias

Contos Infantis dos Irmãos Grimm, colligidos por Henrique Marques Junior

E' este livrinho o XII da *Biblioteca das Creanças*, editado pela *Livraria Moderna*, de Lisboa.

Os contos dos Irmãos Grimm são universalmente conhecidos, e encontraram um delicado tradutor no sr. Henrique Marques Junior, que se tem dedicado a este genero de literatura, com grande amor pelos seus infantis leitores.

Este volume da *Biblioteca das Creanças* con-

tém dez historias das mais interessantes, formando um verdadeiro *Escrevino de Joias* como o sr. Marques Junior o denomina e é destes bélos contos que, ao acaso, extraímos um, neste numero do OCCIDENTE, mais particularmente dedicado a nossos juvenis leitores, na festa do nascimento de Jesus, a Divina Creança que chamou a si os pequeninos.

O moço do moleiro e a gatinha

Vivia n'um moinho um velho moleiro que não tinha mulher nem filha, mas tres moços ao seu serviço. Como se conservavam ha muito tempo com elle, disse-lhes:

— Sou velho, e quero descansar. Vão correr mundo, e áquelle que me trouxer o melhor cavallo, lego o meu moinho, com a condição de cuidar de mim até que morra.

O terceiro moço, porém, era um criadito tido por parvo pelos outros.

Marcharam todos tres juntos, e assim que chegaram ao pé da aldeia, disseram os dois para o parvinho:

— João, tu podes ficar aqui sósinho, pois certo não és tu quem apanha um bom cavallo.

João, comtudo, não os abandonou, e era já noite penetraram n'uma gruta onde se deitaram e adormeceram. Os dois, mais espertos, esperaram que João adormecesse, e depois levantaram-se e foram-se embora, abandonando o parvinho, julgando que tinham andado astuciosamente.

Assim que nasceu o sol, João acordou, achando-se sósinho, deitado n'uma gruta; olhou em volta e não vendo ninguem, exclamou:

— Meu Deus, onde estou eu?

Levantou-se, safu da gruta, foi para a floresta e pensou:

— Estando sósinho e abandonado, como é que hei-de ir procurar um cavallo?



Ora, enquanto meditava, appareceu-lhe uma gatinha que lhe disse amigavelmente:

— João, para onde queres tu ir?

— Ai, tu não me podes auxiliar!

— Eu sei qual é o teu desejo — disse a gatinha — desejas um cavallo bonito; vem commigo, e serve-me fielmente durante sete annos, que em troca dar-te-hei então um cavallo, o mais bonito que possas pôr na tua imaginação.

— E' uma gata extravagante — disse consigo o moço do moleiro. — Apezar d'isso não me custa ter a prova de que seja verdade o que me promette.

A gatinha levou-o para o seu castello encantado aonde tinha gatinhos a servir-a; subiam e desciam, com a agilidade que lhes é propria, a escada; eram alegres e de bom humor.

Quando á noite se sentavam á mesa, havia dois musicos: um tocava ligeiramente baixo e outro soprava trombone, inchando as bochechas tanto quanto podia.

Assim que acabaram de jantar, tirou-se a mesa, e a gata disse para João:

— Anda dançar commigo, João.

— Não — respondeu o moço do moleiro. — Não danço com uma gata, pois nunca fui gato!

— Levem n'o para a cama! — ordenou a gata aos gatinhos.

Um accendeu luz no quarto de dormir; outro tirou-lhe as botas; o terceiro as meias e finalmente o ultimo apagou a luz.

Na manhan seguinte, vieram os gatinhos e ajudaram-n'o a saír da cama, um calçou-lhe as meias, outro pôz-lhe as ligas, o terceiro calçou-lhe as botas e o ultimo enxugou-lhe o rosto com o rabo.

— São muito amaveis para commigo — pensava João.

O moço do moleiro, porém, tambem os serviu a elles; todos os dias partia lenha, para o que

30 DE DEZEMBRO DE 1909



ADORAÇÃO DOS MAGOS

QUADRO DO SÉCULO XV, ATRIBUÍDO AO PINTOR PORTUGUÊS VASCO FERNANDES (GRAN-VASCO), EXISTENTE NO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, DE LISBOA.

tinha recebido um machado e uma serra de prata, e um espadão de cobre.



Ficava em casa a partil-a, e tinha sempre boa comida e boa bebida, mas só era capaz de vêr a gata mosqueada e os creados.

A gata disse-lhe uma vez:

— Vae ceifar os meus prados e a herba — e deulhe uma foice de prata e uma aguçada de ouro, mas com a condição de que havia de trazer tudo outra vez.

João saiu e fez o que a gata lhe tinha ordenado; assim que concluiu a tarefa, voltou para casa com a foice, a aguçada e o feno, perguntando se não era tempo de receber a sua recompensa.

— Não — respondeu a gata — debes ainda, antes de mais nada, construir uma pequena casa em prata, com tudo o que é preciso.

João construiu a casa e tudo o mais, e depois perguntou se ainda não merecia nenhum cavallo.

Os sete annos ainda iam em meio.

A gata perguntou-lhe se queria vêr o cavallo.

— Quero, sim! — respondeu João.

A gata então abriu uma porta pela qual se viam dose cavallos soberbos, muito brancos e luzidios, o que encheu de contentamento o coração do moço do moleiro.

A gata deu-lhe de comer e de beber, dizendo-lhe:

— Agora não te dou o cavallo; vae para casa e voltas para aqui quando te forem buscar passados tres dias.

Assim partiu João, a quem a gata indicou o caminho para o moinho.

A bichana não lhe dera fato algum novo, de modo que tinha de conservar a sua velha e esfarrapada camisolinha que sempre trazia vestida.

Assim que chegou ao moinho, viu os dois pobres moços do moleiro; cada um d'elles tinha levado um cavallo, mas o de um era cego e o do outro estava estropeado. Apenas viram João, perguntaram:

— Então, o teu cavallo?

— Chega d'aqui a tres dias.

— E' justo que tambem consigas um! — disseram rindo os dois moços.

João chegou ao moinho, mas não se sentou á mesa, porque o velho moleiro disse que, roto e

ram, não lhe quizeram dar nenhuma cama. sendo o pobre João obrigado a ir dormir para a capoeira sobre uma pouca de palha.

De manhan, logo que acordou — e já perfazia o terceiro dia — appareceu uma linda carruagem puxada por seis cavallos, ai! muito luzidios e muito bonitos, e mais um, o setimo, trazido á mão por um creado, era este o que o rapaz merecia.

Da carruagem saiu uma esplendida filha de rei que entrou no moinho; esta filha de rei era a gata mosqueada a que João serviu durante sete annos.

Perguntou ao moleiro onde é que estava o moço de moleiro, o creado. Ao que o moleiro replicou:

— A esse não podemos acceital-o no moinho, por estar esfarrapado; ficou alli na capoeira.

A filha do rei ordenou ao moleiro que fosse buscal-o tambem.

Ante esta ordem, trouxeram para fóra o moço que vinha a tapar-se com a camisolinha.

Foram laval-o, e o creado foi buscar á carruagem ricos fatos; depois de lavado e vestido com aquelles factos, nenhum rei parecia tão bonito.

Depois d'isto a donzella quiz vêr os cavallos que os outros moços tinham trazido, e reparou logo que um era cego e o outro estropeado. Ordenou então ao creado que trouxesse o cavallo.

Assim que o moleiro viu isto exclamou:



— Cavallo como esse nunca aqui entrou!

— Este pertence ao terceiro moço — explica a donzella.

— N'esse caso é d'elle tambem o moinho.

A filha do rei, porém, disse que o cavallo devia tambem pertencer ao moinho.

Tomou o bom moço pelo braço, conduziu-o para a carruagem, e caminharam logo para a casa construída de prata, que se transformára então n'um bonito castello, aonde todos os objectos eram de ouro e prata.

Casaram; e a filha do rei era tão rica, tão rica que tinha com que viver toda a sua vida.

Por isso ninguem deve dizer que quem é parvo nunca póde ser nada n'este mundo.



O NOSSO SUPLEMENTO

Adoração dos Magos

Na preciosa coleção de quadros goticos que se guarda no Museu Nacional de Belas-Artes, de Lisboa, existe o que faz assunto do suplemento brinde que hoje offerecemos a nossos assinantes.

Aquella coleção fórma-se principalmente de oito quadros relativos á *Historia de Nossa Senhora*, *S. S. Trindade*, *Circunscisão*, *Menino entre os Doutores* e *Adoração dos Magos*, que reproduzimos.

Ha razões para supôr que o primeiro rei que ajoelha em adoração ao Menino Jesus representa D. Manuel I, pois é muito parecido com o que se vê no quadro do terceiro casamento deste monarca, existente na Misericórdia de Lisboa (1).

Sem que esteja verdadeiramente averiguada a origem deste quadro, está, por emquanto, attribuído a Vasco Fernandes, por seu estilo semelhante.

No volume *Arte na Renascença*, do professor João Ribeiro Cristiano da Silva, encontra-se uma resumida noticia sobre este pintor, que diz:

«O mais celebre de todos os antigos pintores portuguezes, e de que tanto escritores nacionaes e estrangeiros se tem occupado, entre elles o con-

de de Raczyński, é o famoso, tradicional e tão discutido *Gran Vasco* ou Vasco Fernandes, seu verdadeiro nome, segundo documentos irrecusaveis; era natural de Viseu onde vivia em 1480 e dono, segundo a tradição oral, de umas asenhas proximo á cidade e que ainda existem (moinhos do pintor) (1), segundo uns autores, foi Vasco Fernandes quem produziu os numerosos quadros da Sé daquela cidade, de Fontello, de Coimbra, de Thomar, de Evora e de Lisboa; segundo outros, é um dos nomes que ficaram de uma pleiade de artistas, constituindo a escola de pintura portugueza, impropriamente chamada *Gotica*, diferenciando-se uns dos outros, segundo o critico de arte, o inglés Robinson, por ligeiras differenças de *maneira*.



Uma noite de Natal no alto mar

Ao meu neto Carlos

Tens-me pedido uma vez e outra que te conte historias daquellas que tu gostas muito, a do *Coelhinho Branco*, que roubou á princesa um pente, um anel e um cabeção, a da *Gatinha Borracheira*, que era afinal uma linda menina, a do *Grão de milho*, com que imensamente te ris, e estás sempre a pedir-me que as repita uma e mais vezes, sentado ao pé de mim, inquerindo-me com os teus lindos olhos, cheios de vivesa e curiosidade infantil, quiescendo das brincadeiras em que levaste o dia.

E', quasi sempre, áquella hora passageira, antes do somno te cerrar as palpebras, que tu me pedes e ouves essas historias, como hoje acontece; hoje, porém, é noite de Natal e tu estás enlevado na tua arvoresinha enfeitada de bonitos, e com velinhas de côr acesas por entre a ramada verde do pinho, como se foram frutos luminosos a alumiar o Menino Jesus que ha de nascer á meia noite, quando os sinos tocarem e os galos cantarem.

Que novidade para espertares o somno; e ainda queres que te conte historias. Pois bem, ahi vae uma muito verdadeira, sim por que ha historias que mentem, e hoje não te quero contar dessas, embora tu mais gostes dellas.

Estás a fazer cara séria como quem não gosta?

Então não conto.

Ah, queres que conte; a tua curiosidade é grande e já está a sorrir-te nos olhos.

Então lá vae.

Era uma vez um menino que, apesar de ter só doze annos, teve de se fazer um homemsinho, porque ficou sem pae aos seis annos e sem riquezas.

A idade era pouca, mas a necessidade de dar ordem á vida era muita, e como n'aquelle tempo o Brasil sorria de lá muito longe aos que precisavam trabalhar e fazer pela vida, esse homemsinho de doze annos, despediu-se um dia da mãe e dos irmãos e embarcou com um tio, que o quiz levar na sua barca para o Rio de Janeiro.

Era um navio de vela, que a vapor pouquissimos vinham a Lisboa, e as viagens eram trabalhosas e demoradas, que pareciam não ter fim.

Para ir ao Brasil gastavam-se dois mezes, mais dia menos dia, como aquelle gastou. Agora vae-se lá em quinze dias e menos.



esfarrapado como estava, era para se envergonhar de que o vissem assim.

Puzeram-n'o a um canto aonde lhe deram de comer; á noite, quando os dois moços se deita-

(1) Reproduzido no XXII volume do OCCIDENTE de 1899, a pag. 181.

(1) Vide OCCIDENTE, XXI vol. de 1898, pag. 88.

Ora tu, meu Carlos, que por ora só tens visto navios quando, no verão, te levam para a praia de Algés, onde corres e saltas na areia, e recebes nos pulmões o ar livre do Oceano, que te tem dado essa robustez, não sabes que esses navios vão atravessar desertos de agua, em que outra coisa mais se não vê que mar e ceu.

E' um grandioso espectáculo que muitas vezes se torna terrível, quando o ceu se turva de acasteladas nuvens e o mar se eleva em altas ondas agitadas pela furia dos ventos.

Pois assim aconteceu naquella viagem, principiada em fins de novembro, quando a monção é má.

E a barca lá foi aos trambulhões por esse mar fóra, que até parecia se escangalhava toda, tantos eram os balanços que dava e o gemer dos mastros quando a força do vento retesava mais as gaveas e esticava as enxarcias.

A agua que cahia do ceu e a que entrava pelas amuradas era ás vezes tanta, que parecia quanta havia no mar querer cubrir o navio.

Admiras-te? Estás a fazer uma cara... que eu não continúo.



O comandante chegou a mandar arrear escaleres,...

Não queres então que eu me cale... Pois bem, vae ouvindo, para saberes que nem tudo é estar aqui a vêres a tua linda arvore do Natal, e que a estas horas que muitos passam alegres no seio das suas familias, outros as passam tristes sobre as aguas do mar, nos trabalhos da vida.

Assim as passou o tal homensinho de doze annos, a meio caminho da viagem, ha mais de meio seculo, em uma noite como a de hoje, sem ter arvore do Natal, nem presepio, sem sinos a tocar nem galos a cantar, nem boróas de que tu gostas muito.

Pareceu de proposito; naquella noite foi quando se desencadeou o temporal, que

acode tudo que nos ficou na terra mãe.

Ficas calado.

Divertem te mais as outras historias.

Pois hoje, tem paciencia, só te posso contar esta por ser a que sempre me lembra nesta noite tão alegre, em que os sinos tocam e ouvimos cantar os galos.

Quando fóres um homem e tiveres alguma contrariedade na vida, lê, se te não lembrares do que hoje te contei, e retempera a alma nesta historia verdadeira, porque o homensinho de doze annos que assim principiava a vida é teu avô.

CAETANO ALBERTO

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes o frontespicio e indices do presente volume, assim como um **Suplemento Brinde** reproduzindo um precioso quadro gotico—**Adoração dos Magos**, do Museu Nacional de Bellas-Artes, de Lisboa.

Este suplemento avulso custa 200 réis e com o numero 320 réis

Novidade litteraria:

CONTOS E DIGRESSÕES

POR

Caetano Alberto

Um elegante volume de 224 paginas profusamente illustrado e com uma linda cartanagem em relevo a côres e ouro, completa novidade — 500 réis.

Nas principaes livrarias e na «Empreza do Occidente»

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na côr para collecções

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis

